

ENTREVISTA – Paulo Coimbra Guedes, por Daniela Favero Netto e Aduino Locatelli Taufer – março de 2024

Paulo Coimbra Guedes¹

Daniela Favero Netto²

Aduino Locatelli Taufer³

Resumo:

Entrevista com o Prof. Dr. Paulo Coimbra Guedes, por Daniela Favero Netto e Aduino Locatelli Taufer, em março de 2024, para compor o Dossiê "História e memória do Colégio de Aplicação da UFRGS: 70 anos de ensino, de extensão e de pesquisa".

Palavras-chave:

Paulo Coimbra Guedes. Entrevista. Dossiê História e memória do Colégio de Aplicação da UFRGS: 70 anos de ensino, de extensão e de pesquisa.

INTERVIEW – Paulo Coimbra Guedes by Daniela Favero Netto and Aduino Locatelli Taufer - March 2024

Abstract: Interview with Professor Dr. Paulo Coimbra Guedes, by Daniela Favero Netto and Aduino Locatelli Taufer, in March 2024, to contribute to the Dossier "History and Memory of Colégio de Aplicação - UFRGS: 70 years of teaching, extension, and research."

Keywords: Paulo Coimbra Guedes. Interview. Dossier History and Memory of Colégio de Aplicação – UFRGS: 70 years of teaching, extension, and research.

ENTREVISTA – Paulo Coimbra Guedes por Daniela Favero Netto y Aduino Locatelli Taufer - marzo de 2024

¹ Doutor em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras. E-mail: paulocoimbraguedes@hotmail.com.

² Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Colégio de Aplicação. E-mail: d.faveronetto@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1367-1263>

³ Doutor em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Colégio de Aplicação. E-mail: adautotaufer@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5855-4792>

Resumen: Entrevista con el Prof. Dr. Paulo Coimbra Guedes, realizada por Daniela Favero Netto y Aduino Locatelli Taufer, en marzo de 2024, para formar parte del Dossier "Historia y memoria del Colégio de Aplicação - UFRGS: 70 años de enseñanza, extensión e investigación".

Palabras clave: Paulo Coimbra Guedes. Entrevista. Dossier Historia y memoria del Colégio de Aplicação - UFRGS: 70 años de enseñanza, extensión e investigación.

1 Introdução

O entrevistado Paulo Coimbra Guedes é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Letras; e mesmo já aposentado, volta e meia também oferece alguma disciplina na Graduação, porque, como os leitores e as leitoras verão, ele é irremediavelmente um professor, e mais: “um professor que os professores do Colégio de Aplicação criaram nele”.

Esta entrevista foi pensada estrategicamente para que o Paulo pudesse mostrar não só sua relação com o CAp, mas o belíssimo jeito com que trata a língua portuguesa brasileira em sua forma escrita. O privilégio de conviver com o Paulo para além da sala de aula é a garantia de aprendizado também enquanto se sorve o café preto num armazém de produtos orgânicos na José do Patrocínio ou no Bar do Antônio, que, hoje, infelizmente só existe no Campus da Reitoria.

O Paulo, além de mobilizar nosso interesse de pesquisa sobre escrita, tem livros que são de leitura obrigatória: *Gramática e Estilo* é o mais recente, mas há ainda *A Formação do Professor de Português - Que Língua Vamos Ensinar?* E o romance *Tratado Geral da Reunião Dançante*. Destacamos entre suas obras o livro *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*, porque ele orienta boa parte do nosso trabalho com ensino de escrita no Ensino Médio no CAp.

A entrevista a seguir foi realizada na forma escrita, buscando oferecer aos leitores e às leitoras a possibilidade de experienciar a gentileza do Paulo com quem o lê, na maneira com que revela seu ponto de vista sempre peculiar sobre o que passa ao largo da maioria. O fato de ele se constituir como docente influenciado pelos docentes que teve no Colégio de Aplicação, a que hoje chamamos carinhosamente de CAp, é mais um motivo para celebrar a nossa escola.

2 Entrevista com o Prof. Dr. Paulo Coimbra Guedes

Entrevistadores (E): Em que ano começaste a estudar no CAp e como foi o processo para entrar na escola? Além disso, qual foi a motivação para estudar no CAp?

Paulo Coimbra Guedes (PCG): *Em 1950, eu fiz o meu primeiro ano do Primário no Instituto de Educação, na casa grande, como a gente se referia àquele prédio ali na Osvaldo Aranha, que, por pouco, não virou ruína. No segundo ano, a minha turma foi transferida para uma casa na José Bonifácio na esquina da Vieira de Castro, que, não sei quando, virou um prédio onde se pode ler que é um anexo do Instituto de Educação. A peculiaridade do meu Primário foi a alfabetização pelo Método de Contos, que botava a gente pra ler desde o primeiro dia de aula e que nunca nos ensinou que $b+a = ba$. Além disso, era muito bom ter*

a Redenção como pátio.

Não sei exatamente quando eu comecei a ler, mas foi ainda no primeiro semestre, e, perto do fim do ano, ouvi mãe de colega meu reclamando que nem o nome das letras o Colégio ensinava, como é que se vai ensinar a ler assim? Talvez eu tenha aprendido tão cedo porque eu entrei no colégio já conhecendo as letras pelo nome, graças a uma máquina de escrever portátil que apareceu na minha casa. Acho que foi um tio meu, militar, que se formou nas Agulhas Negras e foi fazer estágio na GM, nos Estados Unidos, que deixou ela lá em casa. Meu pai, minha mãe e minha avó, que, de tempos em tempos, moravam com a gente, liam pra mim. Lembro especialmente dos livros do Sítio do Picapau Amarelo e dos Contos Gauchescos e Lendas do Sul.

Meu pai era funcionário da Secretaria da Fazenda do Estado, e, não sei como, ficou sabendo, perto do fim do ano de 1954, de um colégio novo, ligado à Universidade, que ia fazer Exame de Admissão Ginásio. Me lembro de uma conversa dele com o meu tio Antônio, pai do Zé Antônio, meu primo mais ou menos da minha idade. O tio dizia que eles não eram assim tão importantes pra terem seus filhos aceitos num colégio desses. Eles só têm de passar no exame, repetiu meu pai. Portanto, minha motivação foi a motivação do meu pai, que tinha condições de avaliar a qualidade que poderia ter uma escola vinculada à universidade e a motivação de minha mãe, que, naquele momento, era aluna do curso de Odontologia dessa mesma universidade.

Passamos os dois e, em março de 1955, nos matriculamos. Começamos, então, a frequentar a sala 310 do prédio da Faculdade de Filosofia da UFRGS, prédio que hoje se chama Anexo 1 da Reitoria. Eu achava meio estranha a nossa convivência com um monte de adultos naquele prédio. E o que continuo achando mais estranho ainda era o que fazíamos nos recreios: ficávamos naquela sala de aula durante os recreios. Fazendo o quê? Dançando uns com as outras, como numa reunião dançante. E eu gostava muito daquilo, mas na segunda série fomos para uma sala comum, onde não tinha lugar pra dançar.

E: Quais eram os maiores desafios e os maiores problemas à época em que foste aluno do CAP?

PCG: *Eu imagino que, pra Direção e pros professores, o problema maior fosse o espaço físico do Colégio, o lugar do Colégio na cidade. Onde fica esse Colégio? Na Universidade. Na Universidade tem a Medicina, a Engenharia, o Direito. O Colégio onde está? E pra nós era difícil dar o endereço. Nunca ouvi alguém dizer qualquer coisa como O Colégio somos nós, professor e alunos; alunos e professores. Mas era isso mesmo: estávamos em algum lugar da UFRGS. Na segunda série, fomos para uma outra sala desse mesmo prédio, bem menor do que aquela, quer dizer, sem reunião dançante no recreio. Na terceira, todo mundo foi para o conjunto de duas escolinhas de madeira construídas atrás de onde agora fica a Rádio da Universidade. Eram pavilhões iguais aos que o Brizola andava construindo pela cidade para ampliar o acesso do povo à educação. Lembro que ouvi críticas das minhas professoras a respeito dessa vulgarização da educação: agora qualquer um dá aula nessas escolas. Nos nossos pavilhões não tinha nenhum qualquer um dando aula, nem assistindo. O Zé Antônio, meu primo, que tinha feito o Primário no São João, na Floresta, fazia comparações desfavoráveis ao Aplicação. Pra mim, a única diferença entre o Aplicação e o Instituto de Educação era a quantidade de professores e as diferentes matérias. E professores não faltavam, eram muitos.*

É claro que a gente gostava mais dos pavilhões do que das salas da Filosofia,

principalmente porque alguém teve a feliz ideia de botar uma rede de vôlei no espaço entre os pavilhões, e a gente se divertia no recreio. O que eu quero dizer é que esse nomadismo – nosso primeiro ano de Colegial, em 1959, foi numa sala na Faculdade de Economia, exposta à barulheira da João Pessoa – não era um grande problema para nós. Depois nós voltamos pra outros pavilhões construídos mais perto da Faculdade de Arquitetura, e a gente vivia bem melhor lá, voltando a jogar vôlei no recreio.

E: No caminho oposto ao da pergunta anterior, o que consideras um marco daquela época com relação ao CAp? No seguinte sentido: o que não era um problema para o CAp?

PCG: *Eu gostaria muito de ter dado aula no Aplicação e já me queixei disso por escrito entre as páginas 85 e 94 do volume 17 – número 12 dos Cadernos do Aplicação, Jan/Dez 2004. Não vou me repetir, mas vou falar como professor. Eu acho que a gente facilitava a vida dos professores gente fina, que eram os que nos tratavam como se nós fôssemos mesmo os alunos que os professores e a Direção do Colégio queriam que fossem os alunos privilegiados que tinham sido aprovados no qualificado exame de admissão elaborado por eles. Falando como aluno, eu acho que nós fomos poupados de tomar conhecimento dos trâmites pelos quais devem ter passado a direção e os professores, que tiveram de negociar com a Reitoria para conquistar acomodações mais condizentes com as necessidades de uma escola.*

Até hoje eu continuo convicto de que trabalho de grupo/trabalho em grupo foi inventado pelos professores do Aplicação que deram aulas para nós, para a nossa turma, que nós fomos os primeiros alunos neste planeta a fazer trabalho de grupo. E não me lembro de que nos tenham dito como é que se faz trabalho de grupo. Nada além de Façam um trabalho de grupo a respeito da Inconfidência Mineira ou da Revolução Farroupilha. E a gente se reunia, e as nossas famílias não tinham como interferir nessa necessidade de nos reunirmos para fazermos trabalhos de grupo. E no meio dessas reuniões, a gente até achava tempo e jeito de fazer o trabalho de grupo. E eu não me lembro de ter ouvido alguma palavra dos professores que mandavam fazer trabalho de grupo tratando da avaliação dos trabalhos de grupo que apresentávamos ou de comparação entre os trabalhos feitos e apresentados por nós.

Eu catei isso do fundo da minha memória quando me dei conta de que eu não mandava os meus alunos fazerem trabalho de grupo, e, é claro, tratei de tentar corrigir essa minha omissão. Pensei cá comigo: como é que se encaminha um trabalho de grupo? Como é que os meus professores faziam isso? Não tem registro, respondeu a minha memória. Bem, até aquela altura da vida profissional, eu já tinha urdido alguns procedimentos para botar meus alunos a trabalhar, que, a meu ver, produziam interessantes resultados e continuei trabalhando com eles, enquanto tentava descobrir como é que se encaminha um trabalho de grupo. Não descobri e nem tive coragem de fazer o que, singelamente, faziam os meus professores do Colégio de Aplicação: Façam um trabalho de grupo a respeito do gênero ensaio. Hoje, acho que a gente fazia os trabalhos de grupo que os nossos professores nos mandavam fazer porque achávamos que eles só estavam nos solicitando trabalhos de grupo porque achavam que nós saberíamos como fazer. Quer dizer: mandar fazer trabalho de grupo não era problema para nossos professores.

E: Em que medida o fato de teres sido aluno do CAp contribuiu para as tuas formações pessoal e profissional?

PCG: *Em 1960, ano em que eu fiz dezoito, ou melhor, ano em que eu faria dezoito, porque seria só lá no dia 6 de setembro, e cursava o segundo ano do Científico, porque eu ia fazer vestibular pra Medicina porque... por quê Medicina? Porque minha mãe tinha feito Odontologia, e era a única mulher da família na geração dela a estudar, fazer vestibular, se formar em curso universitário, ir trabalhar no consultório dela. Meu pai orgulhoso dela, e de mim ali, naquele colégio incomum. E qual vai ser a tua especialidade? Como assim? Vai tratar do quê? Eu não tinha a menor ideia e acho que nem sabia o que era isso. Oftalmologia, ginecologia, pediatria? O que tu gosta de fazer? O que tu quer fazer? Eu? Eu gosto de ler e escrever.*

Claro que esse diálogo é pura invenção minha, que se deu só lá dentro da minha cabeça, mas foi isso mesmo, aquela coisa do estalo: te enxerga, meu. Não, esse meu, aí, é uma gíria extemporânea; cara também seria. Te enxerga, rapaz, diria o meu pai. Vive com o nariz dentro dos livros, escreve aqueles poeminhas lá, compra tudo o que aquele professor Appel fala. Tou inventando, meu pai não disse nada disso.

O que ele disse foi compenetrado no seu papel de pai: Letras? E como é que tu vai sustentar tua família? Não era assim que o meu pai falava; ele estava só cumprindo tabela. Que família, véio? Eu acho que ele quase riu. Tá, pai, eu vou pensar. E ele encerrou o assunto. Minha mãe não disse nada. Eu é que falei no Colégio: quero passar pro Clássico no ano que vem. Ah, então, vai ter de fazer uma prova de Latim.

Todos os professores que eu/nós tive/tivemos no Aplicação me/nos botaram pra ler e discutir o que tinha sido lido. Todos os professores queriam saber a nossa opinião, a de todos nós, alunos e alunas vindos/vindas de todas de todas as partes da cidade, filhos de funcionários públicos, de bancários, de políticos, de fazendeiros, de industriais, de comerciantes, de advogados, de engenheiros, de contínuos de banco fomos postos a falar; a dizer quem éramos e o que pensávamos.

Eu quero ler, eu quero escrever. Eu quero dar aula? Isso a gente vê depois. Vou fazer vestibular pra Letras, pai. Então, tá, foi pra isso que eu te criei. Não, isso ele não disse, que ele não tinha um pingão de solenidade. Eu digo por ele.

Não sei se, em outro colégio, tendo uma outra formação, outras rotinas, outras finalidades pedagógicas e outros programas pra disciplinas, outra paisagem, em que não estivesse a universidade nos olhando, outros professores, com outros compromissos, outra mistura de gente na mesma sala de aula, eu teria tido essa noção a respeito do meu destino que me deu coragem naquele embate que me trouxe para cá, onde eu estou em casa.

E: Em quais aspectos o CAP em que estudaste se diferenciava ou se destacava com relação às outras escolas daquela época?

PCG: *Pra começar, o Colégio de Aplicação não tinha hino, ou seja, a gente não era obrigado a decorar nenhuma outra patacoada parnasiana, mas isso a gente nem percebia. Não me lembro de fila pra entrar em aula nem pra sair. Nem de levantar quando o professor entrava em aula, não me lembro de protocolos para falar com o professor/a professora; era só levantar o braço e abrir a boca. Não me lembro de qualquer tipo de código de conduta, nem de proibição de falar de algum assunto. Nunca teve um concurso de oratória, não tinha uniforme, não tinha desfile nas “datas cívicas”.*

Se eu concluir afirmando que o colégio não tinha nenhum tisco de marcialidade, não vou estar falando do que me ocorreria nos meus tempos de aluno, mas no que eu só poderia

pensar depois de ter prestado serviço militar, o que sempre me pareceu uma paródia do que eu via no cinema. Reconheço hoje que o modo como nos tratavam os nossos professores teve uma influência decisiva no professor em que eu me tornei quando eu percebi que não tinha outro remédio, que eu já era professor e que eu era o professor que eu era: o professor que os meus professores do Colégio de Aplicação tinham criado em mim.

Dá pra entender agora a minha mágoa – não, magoa, não – a minha bronca por nunca ter sido professor do Colégio de Aplicação, nunca ter dado aula no meu colégio?

E: Conte uma ou mais situações inusitadas/capciosas que vivenciaste ou que testemunhaste à época em que estudavas no CAp.

PCG: *Capciosa é uma palavra capciosa. A mais inusitada, quase marciana, eu já mencionei: as nossas reuniões dançantes nos recreios na primeira série do Ginásio. Tem alguma referência a semelhante costume/prática na bibliografia especializada? Um trâmite, uma empreitada muito complicada e enrolada foi a criação de um órgão de representação, digamos assim, política dos alunos. Acho que em 1960 ou 61, veio até o Colégio um cara, acho que aluno do Julinho, que conhecia o Flávio Koutzii, com a missão de nos levar a uma assembleia geral da acho que UGES – é isso? – União Gaúcha de Estudantes Secundários? E o Flávio me escalou pra ir junto. Nem sei se falamos com a Direção, mas acho que sim, que o Flávio sempre foi um cara muito sério.*

Comparecemos numa assembleia geral convocada para depor o presidente da entidade e, durante uma tarde inteira, a assembleia não saiu do credenciamento dos representantes das entidades municipais e terminou sem que a demissão fosse posta em votação. Eu até que andei metido na nossa política aqui dentro da Universidade, como estudante e professor, mas nunca presenciei outra disputa tão descaradamente estapafúrdia.

Foi quando nos demos conta de que não tínhamos um grêmio, uma entidade estudantil que nos representasse. E nos botamos a tentar fazer isso, e nos pareceu, ao longo do processo, que a direção do Colégio estava empenhada em abortar a nossa entidade, e acho que foi tão eficiente quanto aqueles bandidinhos secundaristas, e, principalmente, muito mais discreta do que eles.

E: Enquanto aluno do CAp, acompanhaste o fim do segundo mandato de Vargas, governo que aprovou a lei da liberdade de imprensa, criou a Petrobras, e, com JK, acompanhaste a construção de Brasília. Além disso, viveste a conquista da primeira Copa do Mundo, em 58. São apenas alguns exemplos de acontecimentos importantes. Como esses fatos históricos (ou mesmo outros) repercutiram na percepção do estudante do CAp daquela época?

PCG: *Em julho de 1954, quando eu estava terminando o Primário no Instituto de Educação, meu pai, que estava trabalhando no Rio de Janeiro, no Gabinete do Jango, que era o Ministro do Trabalho daquele segundo governo do Getúlio Vargas, voltou pra casa e pra Secretaria da Fazenda do Estado, onde trabalhava. No dia 24 de agosto, às dez horas da manhã, passou pelo Colégio e nos levou pra casa. Até hoje me intriga por que ele escolheu justamente esse momento pra voltar pra casa. Bem que eu poderia ter perguntado pra ele.*

Lembro que depois ouvi no rádio as reclamações do quebra-quebra que uma multidão – acho que até hoje é um mistério quem foi que convocou e organizou – promoveu no Diário de Notícias e na Rádio Farroupilha, que criticavam o Presidente. A gente ficou

uns dias sem aula.

Sobre a Petrobrás e a liberdade de imprensa, os meus doze anos não me davam muito motivo para conjeturas, mas as Copas de 54 e de 58 foram marcantes: a de 54 por conta das narrações patrióticas do rádio das roubalheiras dos juízes europeus nos empates e na derrota do Brasil pela seleção da Hungria. Lembro que, só muitos anos depois, não sei quantos, passou nos cinemas aquele jogo, e a segunda grande vergonha nacional foi o desvelamento daquelas descaradas mentiras dos nossos narradores e comentaristas do rádio, uma grande injustiça para com aqueles craques húngaros.

Já a Copa de 58, da Suécia, os narradores não tiveram motivo para mentir, e lá estava o Pelé, só dois anos mais velho do que eu. Pena que, de vez em quando, ele falava. E nós estávamos redimidos do fiasco da Copa de 1950, e a minha única lembrança viva era a minha mãe deplorando aqueles homens grandes que choravam por causa de um jogo de futebol.

Já eu acho que, em 1958, houve um outro acontecimento, algo entre um descobrimento, uma epifania, um deslumbramento, uma revelação, um desvelamento do que vinha sendo gestado desde quando se vinha constituindo o povo que se descobriu como povo deste país. Eu só fui me encontrar com isso no ano seguinte, em 1959, acho que no segundo semestre, sentado num banquinho alto na sala do apartamento no terceiro andar do edifício Negrinho do Pastoreio, ali, na Olavo Bilac, entre a Santana e a João Pessoa, pra onde a gente tinha se mudado, vindos do Partenon no ano anterior; ouvindo o rádio.

Entrou um violão com uma batida estranha, nítida, clara e determinada, e veio atrás uma voz que falava cantando e cantava falando, muito audível e muito clara: Se você disser que eu desafino, amor, saiba que isso causa... O quequeiss? Nunca antes uma canção tinha entrado daquele jeito nos meus ouvidos. Depois, fiquei sabendo o que era, e mais depois bati boca com quem dizia que esse troço de bossa nova não tem melodia, que é só uma vozinha e um violãozinho jeitoso.

Pois é, mas aí está o essencial: a vozinha é afinadíssima, a batida do violão é precisa e complexa, e o poema é singelo e diz só o que é essencial. Confesso que essa frase é de hoje, que levei sessenta e – quantos mesmo? – anos pra acomodar e botar a devida ordem nela, aqui dentro entre os ouvidos, o coração e o cérebro.

E aqui, hoje, num outro apartamento, um térreo, com o verdor da Praça Garibaldi à disposição dos meus olhos, se eu virar a cabeça pra direita, quase na esquina da outra ponta da rua Olavo Bilac, respondendo este questionário, neste septuagenário aniversário do meu colégio, onde cheguei aos doze anos, cheguei também a uma conclusão definitiva: o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande Sul era bossa nova, ainda antes da proclamação da bossa nova. Querem que eu explique?

Assim, ó: a síntese da bossa nova é, pela minha ordem, (1) um poema sonoro por causa da sonoridade de cada sílaba de cada uma das palavras que o compõem, que diz coisas inteligíveis, ou que torna inteligível o que, até então, só se tinha apresentado torto e contorcido; levado, esse poema por (2) uma melodia simples ou que desvela a simplicidade de uma melodia complexa; (3) cantada, essa melodia, por uma voz que se ajusta e se afina pra cantar o que essa melodia tem a dizer e não pra botar essa melodia e esse poema a serviço da voz e da mensagem de quem está cantando; (4) acompanhadas, esse poema e essa melodia por instrumentos musicais irreversivelmente apaixonados pela paixão da melodia pelo poema e pela entrega absoluta do poema à melodia.

O Colégio não tem prédio? Tem aquelas salas, que a gente pode usar porque dá pra botar professor e alunos lá dentro. Não tem um ginásio pra fazer ginástica? A gente corre lá

em cima, no terraço. Não tem um pátio pro recreio? Eles se recreiam dançando lá no fundo da sala. Não tem uma piscina pra... Não, não tem uma piscina. Não tem uma biblioteca. A gente leva livros pra aula, mostra pra eles, lê pra eles. Não tem. Não, não tem; o que tem são os professores e os alunos. E tem os professores dos professores, que já foram alunos, e os professores dos professores dos professores dos professores, que todos já foram alunos. Então, tem samba, tem escola e bossa nova. E nós todos, que estamos no mundo em que se deu a bossa nova e em que se deu a nossa escola. Viva o CAp em que virou o Aplicação.

Obras do entrevistado citadas

GUEDES, Paulo Coimbra. **Tratado Geral da Reunião Dançante**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A Formação Do Professor De Português**. Que Língua Vamos Ensinar? São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da Redação à Produção Textual**. o Ensino da Escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Gramática e Estilo**. Campinas: Pontes Editores, 2023.

Contribuições da autoria

Paulo Coimbra Guedes: Entrevistado, respostas.

Daniela Favero Netto: Elaboradora de questões, entrevistadora, organizadora do texto, revisora da entrevista.

Adauto Locatelli Taufer: Elaborador de questões, entrevistador, organizador do texto, revisor da entrevista.

Data de submissão: 09/03/2024

Data de aceite: 11/03/2024